

Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica

Mauro Martins AmatuZZi

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

A pesquisa fenomenológica é definida, em geral, como um estudo do vivido e seus significados. Seu pressuposto é o de que o vivido é um caminho importante para a verdade e para as decisões que devemos tomar. Ela trabalha no nível da intencionalidade, com material expressivo da experiência humana. Alguns tipos de pesquisa fenomenológica são elencados e brevemente caracterizados. Dentre eles, a “empírica”, a de tipo “experimental” e a “colaborativa”. Algumas propostas metodológicas são também mencionadas, e uma estrutura geral é aí discernida: sintonização com o todo do vivido, encontro com os elementos experienciais, e articulação final. Finalmente a pesquisa fenomenológica é situada em relação a outras formas de pesquisa em psicologia, e lhe são descritas duas tendências possíveis: uma empírica, e uma dialética. Esta última acrescenta à primeira: uma presença maior da subjetividade do pesquisador, um contexto dialógico no qual se desenrola toda a pesquisa, e uma abertura para níveis mais abrangentes ou coletivos de significado. **Palavras-chave:** pesquisa fenomenológica, psicologia, método.

Abstract

Notes on the phenomenological research

Phenomenological research is defined as the study of the “lived” and its meanings. Such approach assume that the “lived” can be an important way to the truth and to the decisions which we have to make. Phenomenological research deals with intentionality and with expressive material of the human experience. Some phenomenological research forms are enumerated and briefly described, as, for example, the empirical, the experimental and the collaborative one. Some methodological suggestions are mentioned. The general structure of phenomenological method includes syntonizing the lived whole, meeting the experiential elements of this whole, and a final articulation. Phenomenological research is related to other psychological research forms. The dialectical trend of phenomenological research add to the empirical one, a major presence of the researcher subjectivity, a dialogical context for the research as a whole, and an openness to more comprehensive and collective levels of meaning.

Key words: phenomenological research, psychology, method.

É uma forma de pesquisa qualitativa (Kvale, 1994; Osborne, 1994; Peterson, 1994; Mucchielli, 1991).

Não se deve confundir a pesquisa fenomenológica no sentido atual do termo com a descrição das aparências ou dos sintomas, que é como o termo é comumente usado na medicina ou na parapsicologia, por exemplo. No sentido que usamos aqui designa o *estudo do vivido, ou da experiência imediata pré-reflexiva, visando descrever seu significado*; ou *qualquer estudo que tome o vivido como pista ou método*. Em suma, é a pesquisa que lida com o significado da vivência.

O vivido (ou vivência pré-reflexiva, ou experiência imediata, ou dado imediato da consciência) contém um significado potencial imediato, digamos mais próximo, que lhe é inerente (e se prende ao contexto imediato da ação ou situação do sujeito ou da relação), e também outros significados potenciais relacionados com outros contextos, menos imediatos (ou outros âmbitos de significado). Isso quer dizer que ele é polissêmico.

A fenomenologia pressupõe que o vivido seja um caminho importante, e em alguns momentos insubstituível, para a verdade, isto é, para a formulação de conhecimentos e para as decisões que devemos tomar.

Esse estudo pode ser feito no geral (descreve a natureza de experiências), ou no particular (descreve o significado de determinadas experiências

para um indivíduo ou um grupo de indivíduos). Pode também haver uma preocupação de estabelecer relações de significado.

Quando se trabalha com material expressivo da experiência humana (objetivações do vivido), três níveis de análise são possíveis: análise do expresso, do intencional e do inconsciente.

Com relação à linguagem: o expresso é o que é efetivamente dito, o intencional é o que se quer dizer ou a intenção de dizer, e o inconsciente é o que se esconde no ato de dizer, o que se oculta, o avesso. Com relação ao comportamento: o expresso é o que se faz ou o ato efetivo, o intencional é o que se pretende nisso, e o inconsciente o que se oculta com esse ato. E com relação aos produtos culturais: o expresso é a própria obra, o intencional é o mundo que ela cria, e o inconsciente é o que ela oculta.

Quando a análise privilegia o expresso, não apenas como instrumento mas como objeto, isto é, os significados contidos nos signos, podemos dizer que estamos diante de uma **análise de conteúdo**.

Quando a análise privilegia o intencional ou o vivido, isto é, os significados sentidos para os quais os signos apontam como símbolos mais ou menos bem-sucedidos (e com os quais podemos entrar em contato pela mediação do expresso), podemos dizer que estamos diante de uma **análise fenomenológica**.

Quando a análise privilegia o inconsciente, isto é, os significados escondidos pelo expresso (e com os quais entramos em contato através de procedimentos interpretativos), podemos dizer que estamos diante de uma **análise de tipo psicanalítico**.

Em todos os três níveis de análise, parte-se do “material empírico” que são as objetivações do vivido. Se essas objetivações forem de tipo verbal, o material empírico será constituído por palavras ou frases. Se forem as próprias ações humanas, o material empírico será constituído por comportamentos. No caso de produtos culturais, o material empírico será a própria configuração da obra. Mas esse material empírico é apenas a porta de entrada para o significado, e este pode ser visto a partir de um daqueles três níveis ou enfoques. Desde o começo o pesquisador se coloca em um determinado enfoque (isto é, ele adota um “lugar epistemológico”). A pesquisa feno-

menológica, é claro, se caracteriza pelo lugar epistemológico do segundo enfoque mencionado.

Qualquer que seja o enfoque, entretanto, a pesquisa poderá eventualmente, em seus resultados, dar conta tanto do expresso como do intencional, como também do oculto. Mas o fará de formas diferentes, de acordo com as possibilidades do lugar epistemológico adotado.

Há vários tipos de pesquisa fenomenológica (Asti Vera, 1979; Bicudo & Esposito, 1994; Davidsom, 1994; Giorgi, 1985 e 1994; Halling, Kunz & Rowe, 1994; Klein & Westcott, 1994; Marques, 1989; Osborne, 1990):

1) A pesquisa fenomenológica **como filosofia**: é um novo caminho da filosofia para esclarecer, basicamente, o conhecimento, e a partir daí o mundo (e nele o ser humano). Esse caminho é justamente o da consideração do dado imediato da consciência, da forma mais direta possível (= redução fenomenológica). Procura-se sair de uma perspectiva explicativa a partir de teorias ou conhecimentos anteriores, e concentrar-se na descrição daquilo que se mostra. Husserl, na virada do século 20, foi o fundador da fenomenologia. O esquema desta pesquisa seria:

dado imediato da consciência (em geral)	→ redução feno- nológica (transcendental)	→ elucidação do conhecimento (mundo/homem)
---	---	--

2) A **fenomenologia eidética**: consiste em elucidar vivências como emoção, percepção, aprendizagem verdadeira, imaginação, a partir da experiência comum, por reflexão, e via redução fenomenológica. Sartre e Merleau-Ponty, na filosofia, e Jaspers na psiquiatria (descrevendo o vivido pelos doentes mentais, e suas estruturas gerais) são exemplos. Seu esquema seria:

dado imediato da consciência (como experiência comum ou de doentes mentais)	→ redução feno- nológica (eidética)	→ elucidação de vi- vências específicas
---	---	--

3) A **fenomenologia hermenêutica**: é uma elucidação do vivido, mas que parte do pressuposto heideggeriano de que a interpretação é essencial na compreensão. Quando aplicada à pesquisa em psicologia, segue esta articulação lógica ou esquema:

objetivação → interpretação → conclusão
do vivido

Na interpretação, o vivido do pesquisador é levado em conta.

4) **Psicologia fenomenológica “empírica”,** ou “científica”: é uma aplicação do enfoque fenomenológico ao trabalho de pesquisa em psicologia, como ciência que trabalha a partir de “dados empíricos” (no caso, depoimentos focais ou qualquer objetivação do vivido). Giorgi, Rahilly, Van Kaam, Joel Martins, Yolanda Forghieri, William Gomes seriam exemplos. Seu esquema é:

depoimentos → elementos do significado vivido → estrutura do vivido

5) Pesquisa fenomenológica de tipo “experimental”: é uma combinação da fenomenologia empírica com o método experimental. Trabalha com intervenção, dentro do esquema:

vivido → intervenção → novo vivido
(fenomenológica)

6) **Pesquisa colaborativa:** trata-se de uma pesquisa fenomenológica conduzida em grupo, e beneficiando-se do processo grupal. O grupo se reúne periodicamente, e trabalha o mesmo tema teórica e vivencialmente (a partir de depoimentos inclusive dos próprios participantes). Halling, Kunz & Rowe, da Universidade de Seattle (1994), seria um exemplo. O esquema poderia ser:

vivência/teoria → processo grupal → síntese/aprendizado

Segundo Forghieri (1993) a pesquisa de tipo empírico com inspiração fenomenológica se desenvolve através de dois momentos inter-relacionados, e não completamente separáveis:

1) **Envolvimento existencial:** o pesquisador não considera seus conhecimentos anteriores ou teorias sobre o objeto da investigação, mas abre-se a ele de modo espontâneo e experiencial; sai de uma atitude intelectualizada, e busca uma compreensão global, intuitiva, pré-reflexiva da vivência. Busca não um entendimento conceitualizado, mas um contato.

2) **Distanciamento reflexivo:** depois do envolvimento experiencial, o pesquisador se afasta reflexivamente buscando explicitar o sentido ou significado da vivência que é objeto da investigação.

Este duplo movimento se aplica quando se investigam as vivências do próprio pesquisador, mas também as de outra pessoa, ou enunciados de outros pesquisadores sobre sua própria vivência (Forghieri 1993, p.60-61).

Em palestra recente numa mesa redonda no Sedes Sapientiae, em S.Paulo, a 2 de maio de 1996, Forghieri relatou os passos que ela costuma usar em suas pesquisas depois de ter feito a coleta de depoimentos (comentários meus entre parênteses):

1) **Leitura do todo** do depoimento para entrar em contato com seu sentido global (envolvimento existencial).

2) **Sublinhar** as frases que expressam o vivido em relação ao objeto da pesquisa.

3) **Transcrever** o vivido de cada uma dessas frases (em linguagem psicológica e levando em conta o sentido do todo).

4) **Confirmar** com o sujeito que ofereceu o depoimento se essas transcrições estão corretas (isto é, se ele se reconhece naquilo que o pesquisador escreveu sobre sua experiência), e corrigir com ele o que for necessário.

5) Fazer uma **síntese** articulando todos os elementos da experiência vivida.

6) Se houver outros depoimentos, compará-los em suas sínteses buscando **invariantes**, isto é, o que existe de comum, e **variantes**, isto é, o que existe de próprio a cada um. Através disso se pode formular uma **estrutura do vivido**, para além das particularidades de cada pessoa.

Amedeo Giorgi foi um dos primeiros a sistematizar passos do procedimento analítico da pesquisa fenomenológica a partir de depoimentos de experiência vivida sobre um determinado assunto, objeto da pesquisa. Ele operacionalizou quatro passos:

1) **Visão global** do conjunto do depoimento, visando captar seu sentido diante do objeto da pesquisa.

2) Divisão do relato em **unidades de significado**. (É uma divisão do texto, mais ou menos equivalente a uma divisão em parágrafos.)

3) **Transcrição** de cada unidade de significado em **linguagem psicológica** (ou: compreensão do pesquisador).

4) **Síntese** final (primeiro específica, e depois geral, extraindo a estrutura do vivido).

(Uma **categorização** pode facilitar a transição do passo 3 para o passo 4.)

Trabalhando com vários depoimentos Deborah Rahilly (1993) usa os 6 passos de Van Kaam:

- 1) levantamento dos constituintes da experiência em estudo, em categorias;
- 2) transformação dos dados (as categorias levantadas) em terminologia descritiva precisa, e aplicável fora da situação concreta relatada;
- 3) descarte das expressões situadas, ligadas a aspectos particulares da experiência; juízes independentes avaliam os resultados dessas 3 etapas;
- 4) primeira identificação descritiva da experiência estudada, e que funciona como uma hipótese;
- 5) aplicação desta identificação a alguns dos depoimentos para teste;
- 6) formulação final da identificação validada da experiência.

Poder-se-ia dizer que há uma **estrutura subjacente** a esses passos operacionalizados por Giorgi, Van Kaam ou Forghieri. É importante explicitar essa estrutura para que se possa utilizá-la com material de análise diferente do proposto por eles (não diretamente depoimentos focais, mas qualquer tipo de material que contenha objetivações do vivido). Essa estrutura poderia ser:

- 1) **Sintonização com o todo do vivido** no aspecto enfocado pela pesquisa, ou intuição da essência desse vivido tal como presente no material, mas isso ainda em nível pré-verbal.
- 2) **Encontro dos elementos experienciais** (ou unidades temáticas emergentes). As unidades de significado (de que fala Giorgi) estão mais presas a uma divisão do relato como texto, enquanto, com os elementos experienciais, estamos nos referindo mais diretamente a uma captação dos elementos de significado vivido que, quando articulados, dão conta do significado global. Em termos de passos, a isso se seguiria uma explicitação do significado de cada elemento, e depois uma “verificação” junto ao material e/ou aos sujeitos, levando em conta critérios de validação de pesquisas qualitativas (principalmente completude, coerência e confirmação interna; cf. Mucchielli, 1991).

3) **Síntese**, ou **articulação final**, redizendo o fenômeno, da forma como ele aparece, e em seu sentido. Essa síntese pode ser seguida de uma interpretação (confrontando-se com modelos teóricos estabelecidos em outras pesquisas, por exemplo); ou pode ser feita já incluindo uma interpretação, no pressuposto de que a interpretação já faz parte da compreensão. A primeira posição é considerada de tendência mais tipicamente “husserliana”, enquanto a segunda mais “heideggeriana”.

Qual a importância de se redizer o fenômeno da forma como ele se mostra? O que isso acrescenta? Ele traz para o nível da consciência (e portanto da consideração direta e da reflexão) o que era apenas vivido de forma pré-reflexiva. A relevância da pesquisa, no entanto, estará também muito diretamente ligada à forma como se coloca o problema ou se delimita o campo. Será preciso que se parta das inquietações do pesquisador (e do grupo com o qual ele se liga) para explicitar a questão do que necessita ser elucidado.

Em estudo levado à ANPEPP por Amatuzzi, Matos, Dias & Iaconelli (1995), foi possível descrever duas tendências da pesquisa fenomenológica em psicologia: uma, mais empírica, e outra mais dialética.

Tomou-se como base o esquema usado por Gamboa (1989) (que por sua vez é inspirado em Habermas, 1971, e Bernstein, 1976), fazendo uma aplicação dele à pesquisa em psicologia (ver também Santos Filho & Gamboa, 1995). Segundo esse esquema, podemos falar de três paradigmas científicos: o empírico-analítico, que na psicologia levaria a se estudar o comportamento como um objeto do mundo físico; o fenomenológico-hermenêutico, que buscaria compreender e interpretar o significado dos comportamentos humanos; e o dialético, que procuraria entender o comportamento em função de seus determinantes históricos, e particularmente das condições de opressão e dominação decorrentes das contradições originariamente existentes na sociedade. Com base nesse modelo foi feita uma leitura de dissertações e teses do Instituto de Psicologia da USP, dos anos 91 e 92, que trabalharam a partir de material empírico humano (excluindo-se, então, as que eram pesquisas teóricas ou com animais). A partir desse confronto foi possível descrever, como

possibilidades teóricas, as seguintes categorias de pesquisa:

- **pesquisas empírico-analíticas com um tratamento predominantemente estatístico:** quando as conclusões são baseadas principalmente na consideração de frequências de ocorrências objetivas.

- **pesquisas empírico-analíticas com um tratamento predominantemente de análise de comportamento:** quando as conclusões são principalmente baseadas no estabelecimento de relações funcionais entre variáveis, fatores ou comportamentos.

- **pesquisas fenomenológico-hermenêuticas de tendência empírica:** quando as conclusões se baseiam principalmente em uma análise de dados existentes em depoimentos colhidos.

- **pesquisas fenomenológico-hermenêuticas de tendência dialética:** quando as conclusões se baseiam principalmente numa interação significativa com os sujeitos.

- **pesquisas dialéticas do tipo de pesquisa participante:** quando os sujeitos são também pesquisadores.

- **pesquisas dialéticas do tipo pesquisa-ação:** quando o objetivo direto da pesquisa é uma ação, ou, ao menos, um planejamento de ação.

- **pesquisas dialéticas tipo estudo crítico:** quando a pesquisa elucidada teoricamente uma prática situada, de forma a interferir na tomada de posição das pessoas envolvidas.

Vamos nos restringir aqui a algumas considerações a respeito das etapas da pesquisa fenomenológica (que é uma das possibilidades dentro do paradigma fenomenológico-hermenêutico), nas suas duas tendências possíveis.

A **pesquisa fenomenológica de tendência empírica** teria as seguintes etapas:

- Definição clara do campo ou vivência que será objeto da pesquisa.
- Elaboração do projeto.
- Coleta de depoimentos com pergunta disparadora. Dois modelos de pergunta (ou instrução) comumente usados: “para você o que é ... (objeto da pesquisa)?”; ou “procure se lembrar de uma experiência vivida por você, experiência de ... (objeto da pesquisa). Conte-me detalhadamente como foi que aconteceu”.

-Análise dos depoimentos seguindo os passos mencionados acima (Forghieri, Giorgi, Van Kaam).

-Discussão.

-Redação final.

Já a **pesquisa fenomenológica de tendência dialética** teria como etapas:

- A definição do campo pode não ser clara desde o começo; é mais uma definição de interesse, e que aguarda o surgimento ou a escolha de parceiros.

- O projeto é mais uma declaração de intenções e tem a função de impulsionar o movimento da pesquisa, mais do que de dirigi-lo nos detalhes. O desenvolvimento da pesquisa será o desenvolvimento do projeto, e não sua execução. (É preciso lembrar, entretanto, que mesmo que detalhes não possam ser previstos ainda, é possível haver um projeto que diga claramente qual a intenção e a modalidade da pesquisa, e que seja passível de exame, por exemplo, por agências financiadoras.)

-A coleta de depoimentos é interativa (o vivido só se manifesta na relação), eventualmente questionadora e conscientizadora para todos os envolvidos (pesquisador e sujeitos). No ato da coleta já há uma análise colaborativa. Em suma, a coleta é dialógica. Uma das técnicas mais simples, aqui, poderá ser a da entrevista não-diretiva focal. Há um crescendo na direção dialética na medida em que se cria espaço para maior participação do sujeito em contexto interativo inter-subjetivo.

-A análise pode ter um momento no qual o pesquisador está só diante dos dados, mesmo ela já tendo começado durante a coleta. Nessa análise poderão ser seguidos passos, mas a participação da subjetividade do pesquisador é maior: ele “responde” aos dados. (Do ponto de vista técnico, trabalha-se com parênteses onde se colocam todas as ocorrências vivenciais, interpretações, explicações, associações - que não coincidem com o simples dizer o que se mostra.) Também haverá uma abertura maior para a consideração de níveis mais abrangentes ou coletivos de significado. Normalmente a análise é confirmada pelos sujeitos (se é que não é feita com eles).

-A discussão pode estar entremeada na própria análise, e é como se outros autores ou pesquisadores fossem chamados a participar deste diálogo produtivo de significados.

-A redação final não será um simples relato do já feito. Ela pode acrescentar significados, pois ela também será dialógica para com os eventuais leitores ou destinatários. Ela prolonga a pesquisa acrescentando um outro contexto de interlocução.

A tendência empírica só é fenomenológica enquanto o objeto da pesquisa é o vivido. Mas a relação com esse vivido é quase do tipo sujeito-objeto. A tendência dialética é mais radicalmente fenomenológica. Ela acrescenta: 1) uma presença maior da subjetividade do pesquisador; 2) o contexto dialógico no qual se desenrola toda a pesquisa; e, 3) uma abertura para níveis mais abrangentes ou coletivos de significado, e para a consideração dos significados históricos, isto é, que se ligam ao momento situado que se está estudando.

Essas duas tendências são como dois pólos extremos de um *continuum*. Entre esses dois pólos, muitas modalidades específicas de pesquisa fenomenológica são possíveis.

Referências

- ASTI VERA, Armando. *Metodologia de pesquisa científica*. 5a.ed. Porto Alegre, Globo, 1979. (Original argentino de 1968)
- AMATUZZI, Mauro M.; MATOS, Diva M.S.; DIAS, Elaine T.D.M.; IACONELLI, Vera. *Formas de investigação do humano: um estudo exploratório a partir de dissertações e teses do IPUSP/1991-1992*. Trabalho apresentado na reunião anual da ANPEPP/1995. (Policopiado)
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani & ESPOSITO, Vitória Helena Cunha (orgs.). *Pesquisa qualitativa em educação - um enfoque fenomenológico*. Piracicaba, Unimep, 1994.
- DAVIDSON, Larry. Phenomenological research in schizophrenia: From philosophical anthropology to empirical science. Special Issue: Phenomenology and schizophrenia. *Journal of Phenomenological Psychology*, 25(1), 1994, p.104-130.
- FORGHIERI, Yolanda Cintrão. *Psicologia fenomenológica - fundamentos, método e pesquisas*. São Paulo, Pioneira, 1993.
- GAMBOA, Sílvio. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, Ivani. *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo, Cortez, 1989.
- GIORGI, Amedeo (ed.). *Phenomenology and psychological research*. Pittsburg, Duquesne University Press, 1985.
- GIORGI, Amedeo. A phenomenological perspective on certain qualitative research methods. *Journal of Phenomenological Psychology*, 25(2), 1994, p.190-220.
- HALLING, Steen; KUNZ, Georg; ROWE, Jan O. The contributions of dialogical psychology to phenomenological research. *Journal of Humanistic Psychology*, 34(1), Winter 1994, p.109-131.
- KLEIN, Perry & WESTCOTT, Malcolm R. The changing character of phenomenological psychology. *Canadian Psychology/Psychologie canadienne*, 35(2), 1994, p.133-158.
- KVALE, Steinar. Ten standard objections to qualitative research interviews. *Journal of Phenomenological Psychology*, 25(2), 1994, p.147-173.
- MARQUES, Juracy C. Abordagem fenomenológica em pesquisa: os significados das experiências e concepções. *Psico*, 17(1), 1989, p.31-42.
- MUCCHIELLI, Alex. *Les méthodes qualitatives*. Paris, Presses Universitaires de France, 1991
- OSBORNE, John W. Some basic existential-phenomenological research methodology for counsellors. *Canadian Journal of Counselling*, 24(2), 1990, p.79-91.
- OSBORNE, John W. Some similarities and differences among phenomenological and other methods of psychological qualitative research. *Canadian Psychology/Psychologie canadienne*, 35(2), 1994, p.167-187.
- PETERSON, Gerald. Challenges of qualitative inquiry and the need for follow-up in descriptive science. *Journal of Phenomenological Psychology*, 25 (2), 1994, p.174-189.
- RAHILLY, Deborah A. A phenomenological analysis of authentic experience. *Journal of Humanistic Psychology*, 33 (2), 1993, p.49-71.
- SANTOS FILHO, José Camilo dos & GAMBOA, Sílvio Sanches (org.). *Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade*. São Paulo, Cortez, 1995.